

NATUREZA E ESPIRITUALIDADE DA PROFISSÃO DE ARQUITECTO

por António de Freitas Leal e José Pedro
Martins Barata, da Escola Superior de
Belas-Artes de Lisboa



Resumo: O Arquitecto tem como modos particulares da sua vocação específica: uma vocação tipicamente universitária porque se situa no centro da vida intelectual, uma missão de educador porque a sua arte deve possuir influência sobre o modo de vida das populações, e uma vocação de serviço da colectividade, porque deve fornecer-lhes adequado quadro material de vida.

São-lhe exigidas certas qualidades; umas naturais, a desenvolver, outras a adquirir. As primeiras são: sensibilidade humana, sensibilidade artística, e capacidade de síntese. As segundas: uma forte cultura humanista, com raízes no estudo da história, uma assimilação da cultura actual, e uma tecnicidade bem proporcionada e vasta.

Concretamente pede-se que os estudantes de Arquitectura possam adquirir os conhecimentos de Teologia, Sociologia, e Economia, Geografia Humana, História da Civilização e da Arte, Teoria da Arquitectura e Estética indispensáveis e insubstituíveis na sua boa formação profissional, e afirma-se que é indiscutivelmente no ensino universitário que o problema da preparação e formação do arquitecto se enquadra.



12

NATUREZA E ESPIRITUALIDADE DA PROFISSÃO DE ARQUITECTO

Como todas as vocações universitárias a de Arquitecto é uma vocação de serviço - serviço social. O arquitecto tem a sua maior razão de existir no serviço da colectividade como tal pela criação e organização de quadros materiais de vida, e pela criação de um ambiente espiritual para a colectividade ou para a família.

Artista que não abdica dos seus direitos, o arquitecto encontra a sua liberdade artistica nas próprias limitações da obra a realizar - ao contrário do pintor que se exprime simplesmente quasi sem outras limitações que as próprias do material, o arquitecto exprime-se simultaneamente pela organização do material em vista à satisfação das necessidades humanas (necessidade de abrigo e circulação, desejo de ordem, desejo de segurança desejo de Saúde e desejo de Beleza).

Em Architectura a expressão atinge toda a sua plenitude na satisfação de todas as necessidades materiais, morais e espirituais do homem no sentido do seu ideal de ordem e de perfeição.

É da competência da architectura a organização e ordenação de todo o espaço. Portanto esta deve atender não só à superfície ao volume mas também ao espaço - tempo. Esta ordenação é como que uma integração na ordem da Natureza.

"A tabela de harmonia que vibra em nós serve-nos de critério de harmonia. Este eixo segundo o qual o homem está organizado em perfeito acordo com a natureza é provavelmente como o universo deve ser o mesmo pelo qual se alinham todos os fenómenos e objectos da natureza. Este eixo leva-nos a admitir uma unidade de gestão, e uma vontade única na origem"

Le Corbusier

"Vers Une Arch."

O arquitecto enquanto criador de novas formas que irão completar, segundo as necessidades de cada época, a obra da criação torna-se um colaborador de Deus - Criador.

Ora é na medida em que se inserir nesse eixo e participar portanto da ^{operação} obra de Deus que realihará ordem e beleza na sua obra.

E aqui reside o que nós chamamos a insatisfação do artista.

Assim como na vida espiritual do homem este está sempre insatisfeito por quanto não atingiu uma perfeita identificação com Deus, assim o arquitecto ao realizar a sua obra sente que nesta, mesmo estando já realizada uma ascese indispensável, pode levá-la mais longe, aproximando-a sucessivamente da harmonia de Deus, aparente nas suas criaturas. A virtude de insatisfação não tem nada de comum com hesitação.

A insatisfação no arquitecto é uma garantia de ultra



passamento próprio. O medíocre caracteriza-se pela atitude de comprazimento absolutamente estéril para com a sua obra.

Como não podia deixar de ser, a obra de arquitectura tem como todas as formas artisticas uma função social - é uma mensagem do artista para o público, tem linguagem própria com as suas convenções e leis.

Ela é no entanto realizada não para deleite do próprio artista mas para serviço da sociedade.

Serviço no sentido lato. Inconscientemente qualquer obra de arquitectura tem uma acção educadora - positiva ou negativa. O público é levado a reagir emotivamente à obra que lhe é colocada no seu campo de acção.

Toda a obra de arquitectura, inversamente do que sucede com as outras formas de expressão artistica, é solicitada por uma necessidade e é realizada por uma elite em vista ao bem comum.

O architecto não deve por este facto despersonalizar-se para atender às diferentes mentalidades dos componentes da sociedade onde vive; isso seria uma alienação monstruosa. É a sua obra, porém, que realizada através de uma personalidade rica vai ajudar a enriquecer a sociedade.

É portanto, a vocação de architecto, uma vocação de educador.

Não querendo sustentar que o ambiente e o meio dão só por si a orientação da educação da colectividade, não se pode contudo negar que o homem cuja vida se desenvolve num quadro ar-



Fundação Cuidar o Futuro

quitectonicamente perfeito onde tudo respira ordem , medida, largueza, ritmo e pureza sofra uma ~~uma~~ benéfica propensão para a clareza interior e para a calma virtuosa.

Para que o arquitecto possa satisfazer com eficácia o que lhe é pedido e possa de facto ocupar o seu lugar na elite da sua época, necessita de, além de uma soma de conhecimentos, ter aptidões invulgares de ordenador, de chefe, ^rprescutador da evolução da sociedade e do saber.

É esta uma vocação verdadeiramente universitária. O Arquitecto mantém-se no centro da vida e do pensamento o qual vai reflectir-~~se~~ de uma forma concreta e material através das suas obras.

Se abandona essa posição e lhe escapa o sentido não só da sua época mas também do dever da sua cultura, a sua obra é vazia de conteúdo ^e ~~é~~ "a architectura é a forma de um conteúdo"

Lescaze (W)

Temos portanto que o arquitecto não é um simples profissional a quem ^{foi} dada uma preparação eficaz ^{e que} irá desempenhar-se da missão que a sociedade lhe impõe e exige.

Não, é preciso ter em conta que há para a vocação de Arquitecto como para qualquer vocação universitária qualidades próprias.

Qualidades estas: sensibilidade Humana, sensibilidade artistica e capacidade de sintese essenciais à personalidade



Fundação Cuidar o Futuro

do architecto e que num justo equilibrio vão determinar a sua vocação específica.

Sensibilidade à natureza e aspirações humanas capaz de indicar ao architecto onde como e quando deve intervir para auxiliar adquadamente o desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade.

Sensibilidade artistica, capaz de captar a linguagem das formas e de se servir dela para transmitir à comunidade a sua mensagem, afirmando os valores actuais ^{e futuros} dessa mesma comunidade (Missão confirmadora) ou Missão profética)

Capacidade de síntese - terceira condição - o domínio da orquestração de todos estes valores. Fiel traductor da vida, que não prescinde da sua parte de acção sobre ela, o Architecto, sobretudo o urbanista deverá estar em condições de compreender e abarcar a complexidade dos seus fenómenos elevando-se acima do accidental e do pormenor sem contudo os ignorar.

Há no entanto a considerar, que apesar de indispensáveis, essas qualidades por si mesmas não bastam, será preciso orientá-las e desenvolvê-las, imprimir-lhes um sentido.

É em primeiro lugar através de uma sólida cultura humanista, que mergulhando as suas raízes na história, ^{se mostrará} ~~manir-se-á~~ dum valioso hábito de critica. Não é possível uma architectura verdadeiramente moderna, válidamente moderna (o que não quer dizer simplesmente contemporânea), feita por architectos incapazes de situar a sua arte no lugar que lhe compete dentro da evolução histórica. Talvez a maior angústia da architectura dos nossos



Fundação Cuidar o Futuro

Sija
 dias ~~é~~ a incapacidade de ver e compreender justamente o que é a nossa época; vários architectos, por uma curiosa sobreposição histórica são levados a realizar obras, que se procuram situar ou em séculos e conjunturas passadas, (quázi trabalho arqueológico) ou em hipotéticas conjunturas futuras, (autêntica architectura de histórias em quadradinhos de jornal infantil). Escapa à grande parte dos nossos architectos e mesmo dalguns dos mais bem dotados o sentido da nossa época, - há como que uma vergonha, uma demissão da cultura actual.

Por falta duma segunda qualidade desenvolvida, assimilação da cultura actual, grande parte dos architectos e grande parte do público procuram assim a evasão da nossa época, e um refúgio - que tem alguma coisa do perigo dos estupefacientes - na mascarada de outras épocas, attitude que a nenhum título se pôde dizer corajosa ou moralmente boa. Se as realidades contemporâneas parecem, ou são más, corrompidas ou duras, compete ao homem de cultura e nêle, em não pequena parte, ao architecto, dominar, rectificar, sanear e humanizar essas realidades, mas não tentar suprimi-las. Obras de homem e marcadas por isso com um sinal superior, são por êsse sinal dignas de ser resgatadas. Está nêste caso a técnica cujos malefícios, quando largada a si mesma, não se podem negar mas cujos ~~benefícios~~ benefícios quando resgatada do seu "pecado original" de orgulho também não se podem ignorar.

É uma das condições da architectura moderna esse aparecimento no primeiro plano da tecnica enfim dignificada; vai de



Fundação Cuidar o Futuro

saparecendo o mito de que a técnica é apenas a escrava da arte. E no entanto quem não sentiu, por exemplo, deante de uma grande baragem, obra de intenção puramente técnica, a presença magnífica do espírito? Dir-se-ia que mais que o betão é a própria inteligência que segura as águas monstruosas. E este valor, pode o arquitecto aliená-lo a trôço de um preconceito? Não, a terceira qualidade que o arquitecto deve desenvolver é justamente uma tecnicidade proporcionada e vasta, um sentir e saborear das leis da criação, mais ainda que uma simples capacidade executiva, apanágio incontestado do engenheiro.

Assimilação de uma cultura actual, portanto, nos seus mais variados aspectos mas também compreensão e integração no seu movimento. A visão da sua época que compete ao arquitecto não é só a do momento actual mas da integração deste no devir da História. O tempo entra no atelier do arquitecto e é-lhe tão útil como o seu compasso. Houve outrora a idéia de que o arquitecto era apenas o modelador do espaço e o construtor de edifícios tão estáveis nas suas funções como a própria pedra de que eram feitos.

Na orquestração de hoje o arquitecto, e em grau eminente o arquitecto urbanista, é o homem que prevê, é o homem que conta com o tempo, que conhece a evolução que a orienta, que a submete. A capacidade de previsão - fruto da experiência e da reflexão - é a quarta qualidade que importa desenvolver no arquitecto.

Será agora altura para abordarmos um problema concre



Fundação Cuidar o Futuro

to que apesar de não ser do âmbito destas considerações não podemos deixar em branco; é o problema da preparação e formação do architecto.

É indiscutivelmente no ensino universitário que elas se enquadram. É à Escola de Architectura que cabe grande parte da responsabilidade pela qualidade deste sector da nossa vida cultural; é ela que, seleccionando os candidatos a partir das suas qualidades naturais, não numa pedagogia de sentido individualista mas numa sã colaboração entre professores e alunos e entre os próprios alunos com base na confiança e na humildade, irá formar a verdadeira personalidade integral do architecto.

É na escola que o jovem estudante deverá obter além da preparação artística e técnica, os conhecimentos de Teologia, Sociologia e Economia, Geografia Humana, História da Civilização, História da Arte, Teoria de Architectura, e Estética indispensáveis à sua cultura e sem os quais elle correrá o perigo de falhar perigosa e irremediavelmente a sua formação.



António de Freitas Leal
e José Pedro Martins Barata